



A PAISAGEM DE SANTA MARIA NA PERSPECTIVA DE ANTIGOS VIAJANTES

José Newton Cardoso Marchiori
Valter Antonio Noal Filho

Marcada pelo contraste entre suaves coxilhas, na Depressão Central, e o recortado talude da Serra Geral, com sua densa floresta, ao norte da cidade, a paisagem dominante em Santa Maria compõe um patrimônio natural de valor inestimável, digno de maior reconhecimento e proteção. Geralmente despercebida pelos santa-marienses, no afã do dia-a-dia, esta verdadeira moldura do entorno citadino sempre mereceu admiração dos forasteiros, o que pode ser fartamente comprovado pelos relatos de antigos cronistas e viajantes, inclusive de alguns dos mais célebres botânicos e naturalistas que passaram pelo Rio Grande do Sul no século XIX. No contexto da presente coletânea dedicada à história natural da região, a seleção e o encadernamento dos textos aqui reunidos também tem a finalidade de reafirmar a importância deste patrimônio singular e o seu valor permanente para a cidadania.

Quando se fala em patrimônio, pensa-se geralmente no acervo de bens arquitetônicos, peças museológicas, documentos históricos, obras de arte e demais testemunhos da atividade humana, que são relevantes para o conhecimento do passado de uma comunidade, a valorização de seu presente e a projeção de seu futuro. O tema, todavia, é mais amplo, envolvendo um conjunto diversificado de elementos que caracterizam o modo de vida de um povo, suas idéias, instituições, linguagem, lendas, literatura, artes, instrumentos, edificações, culinária e outros valores inter-relacionados ou independentes, que funcionam harmonicamente na sociedade e são processados ou transmitidos, de geração a geração.

O meio físico, expresso pela paisagem natural, é igualmente parte desse patrimônio, além de ser um poderoso agente na modelagem cultural de um povo. A identidade sul-rio-grandense constitui um exemplo perfeito desta influência, pois é marcada, em seus mais variados aspectos, pela paisagem dos “campos a perder de vista”, das coxilhas e do pampa, termos que, de tão ligados à cultura regional, assumem ressonâncias telúricas no coração dos gaúchos. Nosso modo de vida, hábitos alimentares, música, história, linguajar, literatura, toda a cultura de sul-rio-grandenses, em suma, é fortemente marcada por essa realidade espacial dominante.

Situada no centro do Rio Grande do Sul, Santa Maria possui um valioso patrimônio natural que precisa ser reconhecido pela população, além de valorizado e defendido, para que as futuras gerações também possam dele usufruir. É o caso da paisagem que cerca a cidade e constitui sua belíssima moldura: a sequência de morros recobertos de florestas naturais, que delimitam visualmente, e com grande efeito plástico, um anfiteatro aberto apenas em seus lados oeste e sudoeste. A presença dessa mata densa, em região de escassa cobertura florestal, é elemento tão significativo que está associado ao próprio nome tradicional da cidade: Santa Maria da Boca do Monte.

Foi no Rincão de Santa Maria, do Padre Ambrósio José de Freitas, que a Comissão de Demarcação de Limites da América Meridional, determinada pelo Tratado de Santo Ildefonso, estabeleceu seu acampamento em 1797, dando origem ao núcleo de povoamento da atual cidade. Se o nome procede de uma “Guarda de Santa Maria”, de origem jesuítica mais antiga, o tema foge ao presente objetivo, por seu teor estritamente histórico. Não restam dúvidas, todavia, sobre o significado de Boca do Monte: vem do

espanhol e significa boca-do-mato. É que nas proximidades da atual vila de Boca do Monte ficava a boca-da-picada, o *caá-roqué* (porteira do mato), *caá-guaçu-roqué* (porteira do mato grande) ou *caá-yurú* (boca-do-mato) dos índios: um estreito caminho ligando a Depressão Central aos campos do Planalto Médio, através da mata de São Martinho.

As mais antigas referências ao local onde está o sítio urbano de Santa Maria são anteriores a 1797 e podem ser encontradas em documentos como o *Diário Resumido e Histórico da 1ª Divisão da Demarcação d'América Meridional*¹. Em texto que não deixa margem a dúvidas, a área atualmente ocupada pelo centro da cidade foi descrita como uma coxilha de “lombas baixas”, que abrange, com suas “colinas laterais”, uma área de “duas léguas e dois terços” de comprimento por “duas léguas e meia” de largura, situada ao sul do “mato da Serra”, entre o arroio de Santa Maria², a oeste, e o Araricá³, a leste⁴. Fruto da pena de minucioso topógrafo, o documento não informa sobre quaisquer indícios de povoamento anterior neste “rincão”⁵ campestre, isolado por cordões de matas junto aos referidos cursos de água.

Para quem vem do sul do Estado ou dos países do Prata, a chegada a Santa Maria é sempre uma grata surpresa, pois seus alegres morros, recobertos de verdes florestas, estabelecem um contraste marcante com as monótonas paisagens campestres até então percorridas. Em toda a metade sul do Estado, a presença do elemento arbóreo restringe-se praticamente a matas ciliares, a capões-de-mato e a escassos fragmentos em encostas de montanhas. A densa floresta associada à Serra Geral, ao norte da cidade, funciona como um sopro de tropicalidade, contrastando com a topografia suavemente ondulada da Depressão Central.

Não basta, contudo, ter olhos para reconhecer o valor deste patrimônio: é preciso senti-lo com o coração. O forasteiro, pelo sabor do novo, não deixa de admirar o privilegiado entorno da cidade. Convivendo com os problemas do dia-a-dia e cada vez mais limitado visualmente pela altura dos edifícios, o santa-mariense das ruas parece não se dar conta da beleza circundante.

Não é ocioso, portanto, revisar algumas referências sobre Santa Maria no passado, sobretudo as deixadas por célebres viajantes e naturalistas. Tais relatos, por vezes evitados de parcialidade, recomendam leitura criteriosa; neste cascalho, todavia, o investigador sabe, de antemão, que seguramente vai encontrar gemas preciosas.

¹ Firmado por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara e José de Saldanha no “acampamento geral do Monte Grande” (arredores da atual cidade de Santa Maria), este documento cobre o período de 4 de novembro de 1786 a 10 de novembro de 1787, contendo preciosas informações de cunho histórico, geográfico e etnográfico sobre a região.

² Atual arroio Cadena.

³ Atual Vacacá-Mirim.

⁴ CÂMARA, S. X. da V. C. da, SALDANHA, J. de. *Diário Resumido e Histórico. Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 51, p. 235-236, 1938.

⁵ A palavra “rincão” aplica-se, regionalmente, a terrenos isolados por rios, arroios ou cordões de matas. Esta definição, aliás, pode ser encontrada em nota de rodapé (página 175), no próprio *Diário Resumido e Histórico*.



No caso de Santa Maria, para nossa sorte, a lista de autores inclui alguns dos nomes mais conspícuos da estante sul-rio-grandense de viajantes, proporcionando depoimentos valiosos sobre a paisagem original, além de subsídios para o estudo da evolução urbana e a valorização do patrimônio cultural da cidade e região.

Dos naturalistas, o primeiro foi o famoso Auguste de Saint-Hilaire⁶. Vindo das antigas Missões jesuíticas, o botânico francês, ao se aproximar de Santa Maria em 8 de abril de 1821, anotou:

*Achei encantadora a região percorrida para vir até aqui. [...] o horizonte é limitado por uma cadeia de montanhas conhecida sob o nome de Serra Geral. O terreno é, em toda a parte, acidentado; pastagens cobrem o cume e o flanco das colinas; em todas as grotas existem bosques altos e copados. Pouco distanciadas, umas das outras, vêem-se choupanas dotadas de pequeno quintal cercado por sebes secas e plantados de pessegueiros. Rebanhos de gado pastam aqui e acolá nos campos, e nas terras boas vêem-se culturas de milho e outros cereais. A beleza do tempo auxilia à da paisagem que eu contemplei com tanto mais encantamento quanto nos últimos dias de minha viagem me enfadava de ver desertos.*⁷

⁶ Eminente botânico francês, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) percorreu mais de 2.500 léguas no interior do Brasil, entre os anos de 1816 e 1822, desde o Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás, até o Rio Grande do Sul e Uruguai (então Província Cisplatina). Em suas viagens, reuniu cerca de 30.000 coletas botânicas, pertencentes a mais de 7.000 espécies; destas, cerca de 4.500 eram até então desconhecidas pela ciência.

⁷ SAINT-HILAIRE, A de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. p. 168.



Vista panorâmica tomada da torre central do quartel do 7º Regimento de Infantaria, em 1935. A foto é de Sioma Breitman e pertence ao acervo de Carlos Callage.

⁸ Saint-Hilaire refere-se às atuais ruas do Acampamento e Venâncio Aires.

⁹ A atual praça Saldanha Maranhão.

¹⁰ SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987. p. 338.

Dois dias depois, o mesmo viajante observou que a então “Capela de Santa Maria” compunha-se de umas 30 casas, distribuídas em um “par de ruas”,⁸ tendo muitas lojas bem montadas e a pequena igreja frente a uma “praça ainda em projeto”.⁹ Distante “meio quarto de légua da Serra”, a região pareceu-lhe “bucólica”, rematando as impressões com uma descrição quase fotográfica do entorno: “De um lado avista-se alegre planície, cheia de pastagens e bosquetes e do outro a vista é limitada por montanhas cobertas de espessas e sombrias florestas”.¹⁰

Apesar do lapso de 188 anos, as referências de Saint-Hilaire não perderam a atualidade, podendo ser facilmente compreendidas pelo leitor atento. Basta levantar os olhos, quando se está na avenida Rio Branco e mirar para o norte, ou de qualquer de suas transversais, para o leste, ou ainda da avenida Fernando Ferrari, em direção sul, para comprovar-se o acerto do renomado viajante. Ocorre que a natureza ainda se impõe na paisagem da moderna cidade, pontilhada de alterosos edifícios.

¹¹ Comerciante de profissão, Louis Frédéric Arsène Isabelle (1807-1888) veio para a América do Sul em 1830, estabelecendo-se inicialmente em Buenos Aires. Dilectante em ciências naturais, viajou pelo Rio Grande do Sul nos anos de 1833 e 1834, fixando suas vivências em *Voyage a Buénos Ayres et a Porto Alègre, par la Banda-Oriental, les Missions d'Uruguay et la Province de Rio-Grande-do-Sul*, vinda a lume em 1835. Radicado em Montevideu, Isabelle publicou, em 1850, outra obra de interesse – *Émigration et colonisation dans la province brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de l'Uruguay et tout le bassin de la Plata* –, onde defende a política de imigração europeia para a região, com vistas a seu desenvolvimento.

¹² ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Dante de Laytano. Porto Alegre: Museu “Julio de Castilhos”, secção do Arquivo Histórico, 1946. p. 36-37.

¹³ PINTO, I. D. & CLOSS, D. Índice remissivo dos fósseis do Rio Grande do Sul. *Iheringia*, Porto Alegre, v. 1, p. 3-76, 1967.

¹⁴ Sellow encontrou “madeira petrificada” com “estrutura de dicotiledônea” entre São Gabriel e “Cayguaté”, entre os “cerros de Bagé e o passo do Valente”, bem como no vale do rio Negro, próximo à serra de Aceguá (WEISS, C. S. Sobre a extremidade meridional da cordilheira do Brasil, na Província de S. Pedro do Sul e na Banda Oriental ou estado de Monte Video; conforme as coleções do sr. Fr. Sellow. *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, Rio Grande, v. 2, p. 35-98, 1940).

¹⁵ Natural de Porto Alegre (21 de abril de 1817), Oliveira Bello graduou-se em Direito (São Paulo, 1841), foi promotor de justiça, juiz e final-

Treze anos mais tarde, em 1º de março de 1834, chegava outro eminente francês à “povoação de Santa Maria da Serra”. Vindo de Buenos Aires e a caminho de Porto Alegre, Arsène Isabelle¹¹ estimou sua população entre “mil e mil e duzentas almas”, anotando que a localidade já se constituía em mercado para os habitantes dos arredores “compreendidos entre Cachoeira, Caçapava, Alegrete e São Borja”, atestando uma vocação comercial que o tempo só veio consolidar, fruto do posicionamento geográfico no centro do Estado. Entrando pela “rua da Igreja”, a atual Venâncio Aires, o viajante de Le Havre não deixou de registrar sua boa impressão sobre os elementos dominantes na paisagem:

*Estávamos mesmo ao pé da Serra, que formava como que uma grande muralha escura, destinada a separar em duas partes, mais ou menos iguais, norte e sul, a interessante província do Rio Grande do Sul.*¹²

Com relação ao povoado propriamente dito, pareceu-lhe de aspecto “muito agradável” e de arredores “encantadores e passavelmente povoados”. Quase todas as casas tinham seu “pequeno jardim contendo um laranjal, que lhe dá sombra e contribui para o embelezamento da paisagem”. Ao atravessar o povoado, o atento viajante reconheceu “uma porção de troncos de árvores fósseis” no meio do caminho, alguns com “seis pés ou mais de circunferência por dois ou três pés de comprimento”, tidos pelos habitantes como “pedras comuns”. Sobre esse ponto, aliás, cabe destacar o pioneirismo do viajante francês, pois, antes dele, apenas Friedrich Sellow havia assinalado a ocorrência desse patrimônio natural,¹³ mas em outras partes do Rio Grande do Sul¹⁴.

Em agosto de 1856, por ocasião da campanha para deputado provincial, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello¹⁵ anotou que a “Freguezia de Santa Maria” compunha-se de umas 120 casas térreas, em geral “espaçosas”, metade das quais pertencendo a alemães oriundos da Colônia de São Leopoldo. Com olhar crítico, a área urbana pareceu-lhe “muito mal situada”, por assentar-se em “estreita colina ladeada de duas formidáveis sangas”, distando somente “algumas quadras” da Serra.¹⁶

Dois anos mais tarde, em março de 1858, a Santa Maria da Boca do Monte mereceria as palavras mais arrebatadas que já foram escritas sobre a sua paisagem. Aos olhos de Robert Avé-Lallemant,¹⁷ a “singularmente alemã Santa Maria” parecia um “lindo ninho de casas brancas com telhados vermelhos”, frisando que “o arco duplo de laranjeiras”

mente desembargador. Na carreira política, foi presidente do Rio Grande do Sul em dois períodos (1851-1852; 1855) e, posteriormente, presidente do Rio de Janeiro (1861-1863).

¹⁶ BELLO, L. A. L. de O. Diário de uma Excursão Eleitoral – Agosto de 1856. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 79, p. 19-22, 1940.

¹⁷ Robert Avé-Lallemant nasceu em Lübeck (Alemanha), em 25 de julho de 1812. Trabalhou 17 anos no Rio de Janeiro, como médico; após curto período na terra natal, dedicou-se a longas e proveitosas excursões pelo interior do Brasil, que renderam-lhe material para algumas das mais notáveis obras da estante brasileira de viajantes.

¹⁸ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viaagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. Tradução de Teodoro Cabral. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. p. 198.

¹⁹ AVÉ-LALLEMANT, R. *Op. cit.*, p. 199.

²⁰ AVÉ-LALLEMANT, R. *Op. cit.*, p. 202.

²¹ Henrique (Enrico) Schutel Ambauer nasceu em Milão (Itália, 1840), cidade onde faleceu no penúltimo dia do século XIX. Por longos anos viveu em Rio Grande (RS), como professor de música.

²² A atual rua do Acampamento.

²³ Atual praça Saldanha Maranhão.

²⁴ A então “rua da Igreja”, atual Venâncio Aires.

²⁵ Atualmente ocupada pelo sítio urbano de Itaara.

em torno da praça, compunha um passeio digno de inveja a “muitas capitais nórdicas”. Lembrando-se da terra natal, o viajante chegou a registrar: “Imagine-se uma rica aldeia à margem da estrada de Darmstadt a Heidelberg ou outro lugar à entrada da montanha, e estamos no centro de Santa Maria”.¹⁸

Igualmente favoráveis são as referências de Avé-Lallemant aos arredores e, principalmente, sobre as vistas que se descortinam desde as montanhas:

*Dei um passeio à tarde para o lado da estrada da serra, região realmente encantadora. A magnífica floresta brilhava ao sol, enquanto, para o sul, os campos se estendiam à distância. Lindas casas de campo ao sopé da serra causam uma agradável impressão; a nenhuma delas falta o sombrio laranjal.*¹⁹

Ao deixar Santa Maria e contemplando-a do alto da serra, o médico alemão não deixou de registrar a beleza circundante, valendo-se de palavras que ainda hoje podem ser utilizadas, apesar de passados mais de 150 anos. Ocorre que a natureza, soberba, ainda se impõe à obra humana, sobrepunhando-a e imprimindo a feição dominante na paisagem. As palavras do viajante de 1858 seguem verdadeiras e podem ser repetidas por qualquer pessoa sensível aos encantos da natureza, ao descer a serra pela estrada do Perau ou que contempla o casario da cidade, na planície ondulante, desde o alto de seus morros:

*Da crista da serra goza-se maravilhosa vista. Sobre belos vales e desfiladeiros descortina-se a aprazível Santa Maria e, mais ao longe, através dos imensos campos da Província, cujas ondulações, vistas do alto, quase desaparecem e se transformam numa planície aparentemente perfeita, em que se alternam os pastos e as matas.*²⁰

Poucos anos mais tarde, Henrique Schutel Ambauer²¹ anotou que a “vila de Santa Maria”, situada sobre o “declive de uma colina” e à distância de “um quilômetro” da “Serra Geral”, ainda compunha-se do mesmo par de ruas: uma com direção sul-norte²², que desemboca na “praça da igreja”,²³ e outra que segue “dessa praça para oeste”²⁴ e continua na estrada da campanha ocidental, onde se bifurca em três ramos: para o norte, rumo a São Martinho, para oeste, em direção a São Vicente e São Borja, e para o sudoeste, a caminho de São Gabriel. Dirigindo-se à Colônia Kroeff,²⁵ pela estrada do Pinhal, o viajante italiano não deixou de comentar sobre a beleza da serra, coberta por “esplêndida” floresta, de “proporções verdadeiramente grandiosas”.

Ao passar por Santa Maria em maio de 1893, o naturalista sueco Carl Axel Magnus Lindman (1856-1928) encantou-se, sobretudo, com a beleza dos campos:

*Os mais lindos encontrei no outono em Santa Maria da Boca do Monte. Verdejantes e macios, estes gramados, por entre os grupos de árvores da beira da mata, com seus esconderijos labirínticos, constituem paisagens românticas de parque, duplamente belas pelo fundo majestoso das montanhas da serra com suas matas virgens e pela deslumbrante luz que reflete do admirável céu sul-brasileiro. A explicação do aparecimento de uma formação tão diversa acha-se certamente no fato de que todo o terreno ao redor desta cidade é pastado e pisado desde muito tempo.*²⁶

²⁶ LINDMAN, C. A. M. A *Vegetação no Rio Grande do Sul*. Tradução de Alberto Löfgren. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 91-92.

Outro que lança mão de comparações entre a paisagem santa-mariense e imagens presentes em sua memória de viajante é o alemão Bernhard Schwarz (1844-1901). Ao passar em meados de 1900 pelo povoado chamado Colônia, atual bairro Camobi, deixou-nos o seguinte registro:

*Por volta das duas horas da tarde, chegamos a um povoado formado por um grupo de casebres bonitos, no meio de pessegueiros e marmeleiros com flores cor-de-rosa e brancas, videiras com cachos de uva, figueiras, roseiras, loureiros, tuias, laranjeiras e ciprestes; e todo esse recanto agradável cercado da imensa serra, como se seu encanto devesse ficar protegido do resto do mundo: o que poderia haver de mais lindo! Eu cá tive a impressão de estar diante de um pedaço da Itália potenciada – e até com razão, pois esse belo povoado, foi, de fato, fundado por emigrantes italianos e tinha o simples nome de Colônia.*²⁷

²⁷ SCHWARZ, B. Zum 75 Jährigen Jubiläum der deutschen Besiedlung Südbrasilien. Eine Rundfahrt durch die Provinz Rio Grande do Sul. In: *Wissenschaftliche Beilage der Leipziger Zeitung*, Leipzig, n. 45 (edição de 16 de abril de 1901). Fragmento traduzido por Christian Viktor Hamm. p. 177.

Alguns quilômetros depois, o mesmo visitante desembarcou na estação ferroviária e, pela Avenida Progresso,²⁸ galgou o aclive até a Praça Saldanha Marinho, de onde descontinou o panorama narrado a seguir:

*[...] o que me esperava lá em cima, compensava plenamente o incômodo da subida, no sol quente da tarde. Em direção ao norte, a serra, em toda sua grandiosidade, estava na minha frente, separada apenas pelo vale abaixo de mim, de onde subia a fumaça das locomotivas na estação. Apesar da posição elevada em que me encontrava, a serra parecia ainda mais alta. Quem chegou a conhecer a bela cidade de Neustadt, na região de Haardt, no Reno-Palatinado bávaro, viu uma imagem muito semelhante àquela que se apresentava aos meus olhos na entrada da cidade brasileira de Santa Maria. Não há dúvida: quanto à sua localização, esta cidade é a mais pitoresca de todo o Rio Grande do Sul.*²⁹

²⁸ Atual Av. Rio Branco.

²⁹ SCHWARZ, B. *Op. cit.* p. 177.

Como se vê, a janela do trem era ponto de observação privilegiado para atentos viajantes. O que se lê a seguir são as impressões do anônimo O. M. sobre a paisagem que apreciou ao deslocar-se de Santa Maria ao atual município de Itaara, pela ferrovia:

Embarcamos em Santa Maria, às oito e meia da manhã, no trem de Itararé, e daí a poucos minutos começamos a subir a serra.

É esplêndido o panorama que se descortina aos olhos do excursionista, desde o começo da ascensão.

Nas fraldas dos cerros, grandes roças de milho e feijão, bananais e canaviais extensos, cobrem com sua vegetação luxuriante grande parte daqueles soberbos monumentos da natureza, acompanhando os acidentes do terreno em ondulações de efeitos encantadores. O matagal, em plena primavera, apresenta-se ricamente matizado de flores agrestes que embalsamam o ambiente com seus perfumes recedentes. Ali, uma bonita cascata, cujas águas precipitam-se de grande altura, prateiam as paredes alcantiladas de cerros colossais, produzindo cintilações deslumbrantes, ao serem osculadas pelos raios do sol; lá, abaixo, no fundo do precipício, muitas casinhas brancas, cujas proporções olhadas do alto, diminuem às nossas vistas, formando uma bela perspectiva.³⁰

³⁰ M., O. *O Rio Grande do Sul – 1904: visto por dentro*. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, (s. d.), p. 16.

Outro autor que narra suas impressões a partir da janela do trem é Wilhelm Vallentin (1862-1913), que chegou à Santa Maria em uma noite de novembro de 1903:

[...] cintilam à minha frente, no ar cinza da noite, luzes brancas e ofuscantes. A região vai se reanimando; aqui e ali, em esboços irregulares, surgem cabanas e pequenos quintais do cinza-escuro do chão e, então, aparecem prédios maiores, ruas iluminadas com eletricidade, pessoas e carroças, carros e cavalos.³¹

³¹ VALLENTIN, W. *In Brasilien*. Berlin: Hermann Paetel, 1909. p. 197-198. Fragmento traduzido por Teruco Arimoto Spengler.

Embora não colhidas de um livro de viagem, merecem constar as observações sobre aspectos topográficos e hidrográficos de Santa Maria em 1918, de autoria de Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (1864-1929), engenheiro contratado pelo intendente Astrogildo de Azevedo para executar um projeto de saneamento da cidade:

[...] tem a sua parte central edificada em um contraforte da Serra Geral, que se bifurca em outros secundários, formando-se os talvegues de forte declive, chamados “sangas”, por onde as águas das chuvas correm torrentosas para os ribeirões ou “arroios”.

Nas ruas retas, em Santa Maria, traçadas sobre um terreno fortemente acidentado, notam-se como predados estéticos, a sucessão das rampas e contra-rampas e as perspectivas que no horizonte se descobrem para o

*observador situado nos lugares altos, quer a vista se encaminhe segundo as ruas dirigidas para as encostas pitorescas da Serra, quer se escape para o largo horizonte das coxilhas cobertas com os verdes tapetes das pastagens, com aplicações, aqui e ali, dos tufos formados pelos pequenos bosques, de cor verde escura.*³²

³² BRITO, F. S. R. de. Saneamento de Santa Maria. In: *Obras Completas*, Volume XI – Projetos e Relatórios. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. p. 13-15.

O alemão Wilhelm Steinitzer, ao visitar Santa Maria no final de 1919, registrou com simplicidade e com encantamento a paisagem: “esta cidadezinha está lindamente situada em meio a uma graciosa região ondulada e ao pé da serra”. Ao partir, rumo ao norte, informou o quanto se demorava o trem para galgar o paredão que separa Santa Maria do planalto:

*Depois de uma hora de subida, passando por uma linda paisagem montanhosa, foi alcançado o imenso planalto que abrange todo o norte do estado do Rio Grande do Sul.*³³

³³ STEINITZER, W. *Brasilianisches Bilderbuch*. München: Ernst Reinhardt, 1928. p. 51. Fragmento traduzido por Harald e Rosani Umbach.

O jornalista e historiador carioca, Luís Gastão d’Escragnolle Doria (1869-1948) exaltou a beleza resultante da profusão de árvores, tanto na área urbana quanto no entorno citadino, na década de 1920:

*Uns dezenove mil habitantes povoam a zona urbana de Santa Maria. Esta, para justificar o nome de Boca do Monte, sobre um monte se reclina, constituindo ele uma espécie de trono ao redor do qual pompeiam colinas, das quais, felizmente, ainda não se ausentaram as árvores. A principal rua de Santa Maria é [...] a Avenida Rio Branco, com quarenta e quatro metros de largura, alegradas por árvores, benditas sejam, calçada, trazendo gente da estação da estrada de ferro à Praça Saldanha Marinho, onde um jardim dá boas-vindas aos recém-chegados e parabéns aos habitantes.*³⁴

³⁴ DORIA, E. Aspectos Nacionais: Santa Maria. In: *Eu sei tudo*, 1927.

Ao engenheiro ferroviário paraense Virgínio Marques Santa Rosa (1905-2001), chamou especial atenção a situação geográfica local:

*Santa Maria da Boca do Monte descansa à beira do grande planalto que se desata de leste a oeste e é avistado ao longo de toda a linha férrea que dali vai ter a Porto Alegre. São as últimas ramificações da Serra do Mar, que lentamente se afasta da costa a partir do litoral catarinense, indo morrer naquelas paragens do extremo-sul em barrancos esborcinados e morrotes esparsos, nus de vegetação.*³⁵

³⁵ SANTA ROSA, V. *Paisagens do Brasil*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936. p. 129.

Na página ao lado, reprodução de pintura acompanhada da legenda “Encantadora paisagem no declive dos morros de Santa Maria”, extraída de MONTE DOMECCQ’ & Cia. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1916. p. 184 a.



O engenheiro, jornalista, político e militar carioca José de Lima Figueiredo (1902-1956) também deixou-nos um interessante registro:

Bela e boa como a santa que lhe deu o nome, a cidade de Santa Maria se senta no dorso de ondulantes elevações, balizando, aos viajantes que vêm da planície, o caminho da serra com seu casario branco, donde se destaca a pomposa catedral com seus coruchéus aprumados dominando as circunvizinhanças.

No céu se esbatem os contornos caprichosos da serrania, quando não estão cobertos pela cerração que são os véus – uns espessos, outros vaporosos.³⁶

³⁶ LIMA FIGUEIREDO, J. de. *Cidades e Sertões* (Páginas de História e Geografia do Brasil). Rio de Janeiro: Gráficos Bloch, 1941. p. 9.

³⁷ Natural de Pelotas (1865), é um dos maiores nomes da literatura sul-rio-grandense. De sua obra, destacam-se: *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do sul* (1913), *Cancioneiro guasca* (1910) e *Casos do Romualdo* (edição póstuma, 1952).

³⁸ SIMÕES LOPES NETO, J. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957. p. 123.

José Newton Cardoso Marchiori é engenheiro florestal, doutor em Ciências Florestais e professor do Departamento de Ciências Florestais do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria. marchiori@pq.cnpq.br

Valter Antonio Noal Filho é graduado em Comunicação Visual, ofício que exerce na Universidade Federal de Santa Maria. valter@infoway.com.br

De natureza distinta, por sua origem literária, são as referências de João Simões Lopes Neto³⁷ à cidade, perpetuadas em *Contos Gauchescos*. Na voz de Blau, o vaqueano, a “fagueira e tranqüila” Santa Maria foi comparada a “um fantástico algodão em explosão de casulos”, por seu casario branco, emergindo do verde-negro das “montanhas copadas”.³⁸ Com insuperável imagem poética, o grande regionalista logrou resumir a feição mais saliente do entorno citadino, compondo uma paisagem que ainda hoje pode ser reconhecida por quem chega do sul do Estado e observa, à distância, a silhueta dos prédios contra o fundo verde-escuro das montanhas.

Distanciados no tempo, o testemunho desses autores merece atenção não apenas pelo renome dos mesmos na bibliografia sul-rio-grandense, mas, sobretudo, pela primazia histórica de reconhecer, na paisagem de Santa Maria, os atributos de um patrimônio natural admirável.

Marcada por morros e florestas, a paisagem de Santa Maria constitui, indiscutivelmente, um bem imaterial da cidade. Neste contexto, torna-se prioritário que a população tenha consciência de seu real valor, o que implica amplo e duradouro trabalho educativo. Neste caso, não bastam normas ou leis: é preciso que os santa-marienses reconheçam, no exuberante entorno citadino, a existência de um patrimônio natural de primeira grandeza, digno de ser melhor conhecido, benquisto e protegido.